

O agronegócio é o seguinte

## Fraqueza do setor rural

ÀS VÉSPERAS do plantio da próxima safra de verão, o ambiente do campo é de apreensão, longe do otimismo reinante entre 2001 e 2004. Os pacotes governamentais e a repactuação dos débitos são processos lentos e demoram a ser fechados. Nas três medidas de socorro anunciadas no primeiro semestre, a ajuda oficial envolve cerca de R\$ 22 bilhões. De certo modo, uma boa compensação para um setor cuja queda de renda passa de R\$ 30 bilhões nos dois últimos anos.

A descapitalização dos agricultores mostra uma face paradoxal quando se observam as exportações recordes registradas pelo agronegócio. Qual será o tamanho da queda da produção na safra 2006/2007? O impacto mais negativo virá da queda do padrão tecnológico na produção. As vendas de insumos estão bem mais baixas e lentas. Haverá problemas logísticos e encarecimento do frete para atender à demanda das regiões produtoras. Quanto ao encolhimento da área, o seu efeito será menor, pois o agricultor não tem saída para girar e desfazer o enorme imobilizado investido nos últimos anos.

Enquanto isso, os vizinhos argentinos revelam dois desempenhos distintos nas partes vegetal e animal. Na área de grãos, cresce a sojicultura. A colheita da safra 2005/06 apenas não foi recorde face às adversidades climáticas. Mas foi a segunda da história do país. Na pecuária, a situação é mais crítica, com a atividade estagnada nos últimos anos. Os criadores e o governo estão em uma brutal queda de braço. As decisões do governo passam pela suspensão das exportações, e a febre aftosa chegou ao rebanho argentino.

Na parte estratégica da tecnologia, o Brasil defronta-se ainda com a morosidade e a ideologia para liberar a pesquisa e o plantio de sementes transgênicas. A composição de Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) é burocrática e formada por profissionais que estão longe de compartilhar uma visão de produção, de respeito ao meio ambiente e de saúde do consumidor. A Procuradoria Pública Federal agora passa a monitorar o órgão para desagradar de pesquisadores e cientistas da biotecnologia. O resultado é a perda de competitividade para o agronegócio.

Na Organização Mundial do Comércio, o fracasso da Rodada Doha é frustrante, mas não surpreende. O sinal de insucesso já tinha sido emitido em encontros anteriores. Agora, fica cada vez mais colocada em xeque a capacidade da entidade para conceber e aplicar uma legislação comercial que tenha o consenso de seus 149 membros. Será que o seu destino terá mesmo futuro da Liga das Nações, criada para trazer a paz no mundo depois da Primeira Grande Guerra?

Enquanto isso, as barreiras não-tarifárias grassam com diferentes formas no comércio mundial. Em nome da sustentabilidade e pela resistência dos grandes canais de distribuição da Europa na importação da soja, os processadores que atuam no Brasil declararam uma moratória ambiental de dois anos para os produtores da região amazônica. A atitude é inédita. O assunto ganhará destaque nos próximos meses. Paralelamente, acusados de não atender padrões de qualidade adequados, um grupo de produtos nacionais poderão sofrer embargos de importantes importadores. Uma missão prioritária para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

O curioso é que os complexos problemas ligados ao setor rural são discutidos hoje nos grandes centros urbanos. Nos gabinetes atapetados, de terno e gravata, se debate questões cruciais para o campo, em longos e exaustivos embates jurídicos. É o que ocorre no caso dos organismos geneticamente modificados na CTNBio e nas disputas comerciais da Organização Mundial do Comércio. Na regulamentação da área de reserva legal e na aplicação dos índices de produtividade para efeito de reforma agrária, aparecem mais mazelas. E na cadeia citrícola brasileira, o conflito contumaz de distribuição de renda entre seus elos é uma sinfonia sem fim.

A boa notícia é a febre na cadeia de açúcar e álcool em torno da energia renovável. Os investimentos em 89 novas usinas remontam R\$ 13 bilhões. Relatório da OCDE e da FAO, instituições de enorme influência internacional, acaba de apontar a posição de franca liderança do Brasil nessa área nos próximos anos. É mais um atrativo para a chegada de aporte de capital ao país.